



A PROPÓSITO DA DEMOCRACIA CRISTÃ

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte esclarecimento:

Lisboa, 20 de Agosto de 1974
Exmo. Senhor

Por nos ter sido enviado por um filiado deste Partido, dessa cidade, o n.º 2211, de 17 do mês em curso, do semanário da mui digna direcção de V. Exa. tomámos conhecimento de um Comunicado no mesmo inserido, ao alto da primeira página, subscrito pelo Grupo de base da Juventude Socialista de Espinho, no qual se tecem diversas considerações sobre um tipo de cartaz de parede, afixado nessa cidade, do Partido da Democracia Cristã.

Em resposta, que certamente não nos será negada, com o destaque e o lugar de honra atribuído ao citado Comunicado, temos a honra de solicitar a V. Exa. se digne permitir-nos o seguinte esclarecimento:

1 — O Partido Socialista, diz-se, defende a participação das diversas correntes de pensamento sob a forma de organizações partidárias no absoluto respeito pelas mais elementares normas de leal «jogo democrático» e daí que se não faça utilização por qualquer organização política de designações que, por si só, pressupõem que determinado sector da população tenha nela a sua mais legítima defensora. Estes considerandos, acrescenta-se, resultam do facto de ter sido assinalada, na cidade de Espinho, a colagem de «sugestivos» cartazes fazendo referência a uma corrente política que se auto-intitula de «Democracia Cristã».

2 — Prosseguindo, lê-se ainda no referido Comunicado que o facto da religião cristã ser tradicionalmente a da maior parte da população portuguesa — o uso da designação «Democracia Cristã» representa um descarado oportunismo político, além de que a Igreja Católica vem expressando o seu pensamento através de uma definição de princípios fundamentais que considera que devem informar o cristão na sua tomada de posição perante os seus problemas concretos, oferecendo-se-lhe assim uma multiplicidade de vias, opostas por vezes, para a sua intervenção política, não cabendo portanto a qualquer organização política reivindicar ser ela própria a mais fiel seguidora da doutrina social da Igreja.

3 — Após mais alguns considerandos de somenos importância, por cansativamente reaccionária, pelo que ganhando os

favores de populações nas quais está profundamente radicada uma tradição religiosa conseguem por esse facto um grande apoio eleitoral. Foi desse modo, acrescentam, que os democratas cristãos chilenos, por exemplo, prestando inequívoco apoio ao imperialismo norte-americano contribuíram para que a vida política chilena caísse no impasse de que resultou o derrube pela força do governo de «Unidade Popular» de Salvador Allende.

4 — Respondendo-se, em concreto, aos aspectos que se deixam resumidos, adianta-se:

1.º — Não nos demos conta, desde o 25 de Abril, que o Partido Socialista Português defenda as mais elementares normas do «leal jogo democrático», de que parece vangloriar-se. Com efeito, na cena política portuguesa, com excepção dos Partidos Comunista e Socialista, e só muito episodicamente do equívoco PPD, seu aliado — todas as demais correntes ideológicas de opinião representada em outros partidos políticos têm sido totalmente discriminadas, desde a sua ausência da coligação (?) governamental até à forma despolítica e descrionária como têm vindo a ser postos à margem na grande maioria dos órgãos de comunicação social do País:

Leal jogo democrático? Mas de que democracia?! Cremos que o momento se apresenta grave em demasia para postura tão cómica...

2.º — O uso de uma denominação que não permita equívocos e embaraços na escolha de um caminho a seguir pelo eleitorado, e não só — exigimos nós, os da «Democracia Cristã», que temos o direito de saber que género de socialismo temos como interlocutor: um socialismo de tipo social democrata escandinavo ou dos tipos alemão e austríaco, ou ainda de figurino francês? Mas não será antes um socialismo-marxista dos tipos dos países do Leste Europeu, para lá da Cortina de Ferro? Ou antes, até, do tipo comunista, adoptado na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas?

Como se pode ver, mal definido e pouco esclarecedor se apresenta perante o eleitorado português o socialismo dito de Mário Soares... não, para nós, claro, que sabemos perfeitamente onde está a sua tónica!

(Continua na pág. 2)

Defesa marítima de Espinho

Estamos no fim de Agosto. A menos de um mês das marés vivas de Setembro.

Desde o inverno passado que não se fizeram quaisquer obras de defesa na martirizada costa de Espinho tendo em consideração que o que está feito não resulta. A destruição feita na muralha está já reparada, mas todo o resto se mantém como dantes deixando antever mais sobressaltos nos habitantes da esplanada e possíveis destruições no improficuo conjunto de obras realizadas até à data.

Em matéria de defesa marítima de todo o litoral lusitano do Minho ao Algarve, as zonas de Espinho, Furadouro, Costa Nova e Caparica são as únicas onde o Governo tem gasto verbas na tentativa de sustentar as investidas do mar. Verbas relativamente pequenas, gastas mais com ensaios para ver o que dá do que para resolver de facto, e definitivamente, o problema.

É pena que Espinho esteja na contingência de passar mais um inverno com a perspectiva de novas destruições. Estimamos, no entanto, que o novo Governo considere a defesa marítima de Espinho como uma molécula da reconstrução a que Portugal está lançado.

J. J.

ATÉ QUANDO SENHORES DA C. P.?

Desastre mortal na passagem de nível do bairro piscatório

No último sábado, cerca das 9 e 15 da manhã, mais um automobilista perdeu a vida na fatídica passagem de nível do Bairro Piscatório.

A vítima, Manuel Correia, solteiro, de 37 anos, residente em Gondende, foi apanhado por um mercadorias que de Campanhã se dirigia para a Pampilhosa. Do automóvel desfeito foi retirado ainda com vida e conduzido pelos B. V. de Espinho ao Hospital, onde expirou depois de ali ter dado entrada. A falta de visibilidade existente devido à casa do guarda da passagem a sul e a um barraco a norte impede os automobilistas de se aperceberem, como seria de desejar, da aproximação dos

comboios. É profundamente revoltante, atendendo aos inúmeros acidentes que ali se verificam, que a imperturbável CP não se resolva a remediar o assunto de modo a garantir uma segurança efectiva dos automobilistas.

Em situação análoga se encontra a passagem de nível do Vale do Vouga na Rua 43, onde os sinais de passagem de nível mal se distinguem, e onde se têm registado também inúmeros acidentes mortais.

É tempo de se atentar devidamente na segurança destas duas mortais armadilhas existentes em plena cidade de Espinho.

Almeida Campos



HÁ BONS ANOS...

Lá vai um ror de anos (1908) e a passarela já era rainha e senhora do coração de Espinho.

Hoje, até na sua lenta agonia, (nunca mais a acabam de desmontar) marca o seu apego à terra, o adeus prolongado... Esta C. P. sempre é muito sentimental!...

PORTA ABERTA

Reparos que me parecem lógicos

Destronar um morto para outro pôr no mesmo trono, não me parece lógico. É o caso da rua Bandeira Coelho. Se o doutor Prata fosse vivo certamente não aceitaria, pois Bandeira Coelho foi um dos grandes beneméritos de Espinho. Não sei se possui descendentes, mas se assim for hão-de sentir profunda tristeza, pois era um nome ao qual a cidade se habituou e as freguesias circunvizinhas. Será que a rua 23 não seria digna desse nome?

Caminhando mais para baixo, encontramos a rua 8, que creio já há tempos se deveria chamar Dr. Gomes de Almeida, um homem da Oposição

(Conclui na página 5)

Entrevista com João Paes

PRESIDENTE DA JUVENTUDE
MUSICAL PORTUGUESA

O nosso entrevistado de hoje é o Eng.º João Paes, formado em electrotécnica pelo I. S. T., especializado em Acústica e Electrónica. Estudou composição musical com Joly Braga Santos, recebendo ensinamento de seus tios Luiz, Pedro e Marie Freitas Branco. Foi consultor e director musical da R. T. P. Dirigiu cursos de divulgação, realizou conferências e programas na Rádio e T.V. Ultimamente foi chamado à Emissora Nacional, para colaborar na reorganização de programas. Colabora na imprensa, mormente como crítico musical de «O Século», onde os seus trabalhos atingiram grande relevo. Frequentador assíduo de espectáculos e festivais de música no estrangeiro.

Actual Presidente da Juventude Musical Portuguesa e indigitado novo Director do Teatro Nacional de S. Carlos.

(Começámos a nossa conversa com um «fait divers», pois o nosso entrevistado foi um internacional famoso de voleibol, tendo disputado um célebre campeonato nacional que o Técnico veio ganhar a Espinho, com muito mérito, no antigo campo da Feira, há já um bom par de anos...)

Falámos sobre a falta de promoção de cultura musical no nosso País, mormente na província, e o papel que incumbe, ou deveria incumbir, à Juventude Musical Portuguesa.

J. P. (João Paes) — A Juventude Musical Portuguesa, existiu, estes anos, em moldes que não são, talvez, os que se pretendiam implantar, quando se fizeram os estatutos, e que não são, certamente, aqueles que dirigiram a ideia dos criadores, o Movimento Internacional, visto que, como sabes, a J. M. P. é uma das muitas Juventudes que fazem parte duma Federação Internacional. A ideia central é contribuir, com a força de uma associação, para, por um lado, levar a música às camadas jovens, sem que elas tenham, digamos, de se deslocar, de criar uns hábitos de vida propriamente para isso; em 2.º lugar, proporcionar aos jovens músicos a possibilidade de começarem uma carreira, sem terem que esperar pelas oportunidades dadas pelos empresários de músicos já feitos. O primeiro desiderato, que é, seguramente, o principal, pelo menos do ponto de vista social da J. M.; estava um pouco dificultado no Portugal de antes do 25 de Abril, já que isso correspondia a um tipo de promoção nem sempre visto com os melhores olhos por quem poderia autorizar, ou proibir, mas, pelo menos, moderar uma política de promoção cultural, visto que, levar a Música junto de camadas jovens corresponde, no fundo, a uma das maneiras de levar cultura a essas camadas e, para se fazer isso, é indispensável que se criem hábitos de convívio, de reunião livre nos chamados «tempos mortos» dessa juventude. Ora isto, até ao 25 de Abril, não era considerado conveniente pela administração pública, e então a J. M. P. limitou-se a fazer aquilo que lhe era permitido. Enfim, com grande habilidade dos seus dirigentes (posso dizê-lo, pois só entrei na Direcção este ano, assim posso falar das direcções anteriores com objectividade), dizia eu, como grande habilidade, os seus dirigentes encaminharam-se pelos únicos caminhos que lhe estavam abertos, sem correrem o risco que eles fossem pura e simplesmente vedados. Por isso, a sua actividade concentrou-se, principalmente, não em levar a Música às camadas jovens nos sítios onde eles trabalhavam, se reuniam ou deviam reunir, mas criar oportunidades para que os sócios da J. M. P. (teoricamente a sua maioria devia ser formada por jovens) fossem ouvir música tal como os seus maiores (os adultos) o fazem, isto é, em espectáculos públicos. Isto, que acaba por ser uma imagem, em ponto pequeno, do tipo de cultura musical até agora realizado nos últimos 50 anos no nosso país, corresponde, a meu ver e na opinião dos meus colegas de Direcção, a uma parcela mínima e relativamente pouco significativa das tarefas que incumbem a uma Juventude Musical, particularmente num país como o nosso, em que não tem havido grande política de fomento de cultura de qualquer espécie.

P. W. (Jornalista) — Seria desejável que a cultura fosse ter com os jovens e não esperassem que estes fossem ter com a cultura...

J. P. — Exactamente. Quando eu falo jovens, estou a engranar um pouco naquilo em que começaste a nossa conversa, visto que a juventude representa, se quiser, um grau de disponibilidade máximo em qualquer sociedade. Tanto em Lisboa, como no Porto, como em Espinho, como em qualquer sítio. A J. M. P. dispõe, em potencial, do melhor público possível que pode existir e, privilegiado como é, tem como obrigação de aproveitar essa oportunidade, para que, dentro das possibilidades que tem, não seja abandonado seja em que sítio for. Isto, evidentemente, é muito difícil na prática, e o que a actual Direcção da J. M. P. pretende fazer é

começar a trilhar o caminho que tinha sido, como já disse, praticamente vedado à juventude. Pretendemos, portanto, começar uma nova era, uma era de cultura de grandes massas juvenis e só agora tornada possível. Para isso, temos de requerer auxílios exteriores àqueles que tradicionalmente nos eram fornecidos porque, como sabes, a J. M. P. é uma associação que até agora vivia praticamente só do produto da cotização dos seus sócios.

P. W. — O que é mínimo...

J. P. — Nem pode ser muito grande, pois não pode exigir muito dinheiro de sócios que, na sua maioria são (ou devem ser) jovens, portanto, sem grande disponibilidade financeira. No entanto era, até agora, a quase única fonte de receita da J. M. P.

P. W. — Não havia subsídios?

J. P. — Pequenos, coisas mínimas, mais por «descargo de consciência», do que propriamente por vontade de contribuir com peso, para uma obra deste tipo!

P. W. — Neste momento...

J. P. — Neste momento, esperamos que as coisas mudem. Ainda não temos certezas, mas esperamos, estamos cheios de esperanças e interessados em que não sejam desaproveitadas as possibilidades de apoio financeiro de que as novas estruturas agora dispõem. Por isso, já requisitámos aos serviços públicos competentes, isto é, ao Secretário dos Assuntos Culturais, um apoio que, até agora, seria impecável... Requesitamos uma sede condigna, visto que vivemos, aqui em Lisboa, num andar alugado, sem possibilidades (já nem digo de nos alargarmos) de corresponder àquilo que já nos era pedido. Neste andar há espaço à justa para os cursos de iniciação musical que temos vindo a dar, e nem sequer à justa para o convívio dos jovens que se decidem a subir os 3 lanços de escadas para lá chegarem; muito menos pensar que esse andar pudesse vir a ser um centro de reunião, como nós pretendemos que venha a ser de futuro. A J. M. P. necessita de espaço para agregar os seus associados, e assim, foi esta a primeira requisição que fizemos. A segunda, que acabámos de fazer, diz respeito às ajudas financeiras, sem as quais se tornaria muito difícil sair do «rame-rame» da organização dos concertos de tal tipo de promoção possível até agora, mas que a Direcção da J. M. P. considera apenas um escalão relativamente pouco significativo, como já te disse.

P. W. — A J. M. P. está integrada na Federação Internacional das Juventudes. Vocês têm algum modelo, no estrangeiro, que se poderia comparar ou adaptar às nossas condições?

J. P. — Não existe modelo único. Existem vários exemplos.

P. W. — Em todos os países que conheces, todos são diferentes?

J. P. — Todos, praticamente, diferentes. Pelo próprio facto das Juventudes Musicais serem associações de jovens, sem capacidade financeira, portanto, sem possibilidades de auto-sustentação, procuram-se em cada país, os caminhos possíveis, por quem tenha capacidade de subsidiar...

P. W. — Mas existe o mecenato, como sempre existiu em relação à música, ou grandes apoios por parte de determinados governos?

J. P. — Nos casos que conheço, existe sempre apoio do governo. Em certos países, é mesmo mais do que um apoio, é mesmo um empenhamento do governo, que considera tão importante, se não mais importante ainda do que o próprio

(Continua na página 4)

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE
DE REDACÇÃO

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMENIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas de
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

Rascunhos

Frequente há bastante tempo um pequeno café sito fora da «baixa» da nossa cidade. Normalmente com um ambiente calmo, está-se lá bem e saboreia-se uma bica de boa qualidade. Ali me juntei a um grupo de jovens com quem acabei por criar fortes laços de amizade, não obstante as diferenças de idade que nos separam.

Somando por cada dois deles os respectivos anos de vida, fico sempre em desvantagem porque ainda nasci quando estava quase próximo do seu infausto nascimento a «outra senhora».

Desde sempre gostei de conviver com gente nova. Não para iludir a verdade do que está inscrito no meu bilhete de identidade. Sim porque há na juventude uma autenticidade, uma abertura e uma franqueza que as manhas da vida roubam aos adultos maduros.

Aos meus jovens companheiros tenho fornecido algumas lições, alguns conselhos, algumas chamadas de atenção. Mas também tenho deles recebido muitas lições, alguns conselhos, algumas chamadas de atenção, pelas quais lhes estou imensamente grato. Todos os dias se aprendem novas coisas e com estes rapazes também muito tenho aprendido e não me envergonho de o confessar. Mais que não seja, tenho

aprendido a formar um mais justo conceito do pensamento e comportamento da tão vilipendiada juventude desta época.

Todos eles perto ou já no serviço militar, se têm afastado alguns do convívio quotidiano e alguns lá se foram até Africa, envolvidos numa guerra cujo termo se aproxima e há tanto se ambicionava. Mas, curiosamente, por mais desfalcado que vá ficando o «grupinho», os faltosos involuntários nunca são esquecidos e a sua presença espiritual entre nós acaba por ser uma realidade.

Ainda há menos de um mês, lá se foi outro para Angola. Fizemos-lhe um almoço de despedida, bem comido e não menos bem bebido. Sempre com um travo amargo de saudade antecipada. E com uma saudade já de meses de outro também despachado para as mesmas terras africanas. Pois entre as garfadas ávidas e as goladas sequiosas houve sempre espaço para pronunciar palavras de recordação do ausente. E uma esperança enorme de, mais brevemente do que poderia pensar-se há escassos quatro meses, nos juntarmos todos outra vez, sem uma única falta, para mais uma festa de amizade entre jovens, pois eu posso orgulhar-me de, em espírito, o ser também.

C. P. M.

A propósito da Democracia Cristã

(Continuação da Pág. 1)

3.º — *Descarado oportunismo político* se diz quanto à designação do Partido da Democracia Cristã... Nada de mais torpe e de mais insensato. Os grandes partidos europeus da «Democracia Cristã», em cuja União nos encontramos filiados, nomeadamente o da Alemanha Ocidental de que foi fundador o Chanceler Adenauer e o autor do chamado «milagre alemão» do após guerra, o Prof. Ludwig Erhard, e o italiano — qualquer deles os maiores partidos na actualidade dos respectivos países — apareceram logo em seguida ao termo da última conflagração mundial, vai para 27 anos...

Tal como os congéneres europeus austríacos, suíços, luxemburgueses, belgas e holandeses (com alguns primeiros ministros nos respectivos governos) e os seus parceiros da América Latina, especialmente os do Chile e da Venezuela, de Eduardo Frey e de Caldera — todos eles se constituíram portanto em datas muito anteriores às das alegadas tomadas de posição de certo sector suspeito da Igreja Católica, dita progressista, e das próprias recomendações do Concílio Vaticano II, tão equivocadamente evocado...

4.º — Na recente Carta Pastoral do Episcopado Português definiram-se claramente limites quanto às opções dos cristãos, ficando fora de causa o comunismo-marxista, o socialismo e o liberalismo, propondo-se como forma genuína e autêntica, segundo a doutrina social da Igreja, a «Democracia Cristã». E parece-nos que está tudo dito até porque qualquer daquelas formas políticas não são parte legítima num processo de opção deste género, pelo que nos recusamos a discutir o problema!

5.º — Finalmente, quanto à alusão de que a «Democracia Cristã» chilena terá tido a sua parte de culpa no afundamento e colapso do «allendismo», o mais que podemos dizer é que a afirmação além de gratuita revela desoladora ignorância de um facto histórico recente. Com efeito, se Salvador Allende, de saudosa memória, foi ao Poder, no Chile, deveu-o única e simplesmente aos votos da «Democracia Cristã», pois que sem os mesmos nunca teria sido governo a «Unidade Popular», cuja experiência se malogrou rotundamente.

Foram os 32 por cento dos votos que Eduardo Frey recomendou se juntassem aos 35 por cento da «Unidade Popular» que colocaram Salvador Allende no governo chileno. Por esse possível erro, a história o dirá, estão os chilenos a sofrer na sua carne e na sua alma!

Fiquem-se os jovens socialistas de Espinho porém certos de que o Partido da Democracia Cristã não procura o ódio nem a confusão como meios de actuação política, mas, sim, o diálogo sereno, tranquilo, pacífico, que possa conduzir a uma plataforma de franco e leal entendimento e jamais à guerra ou ao dissídio entre os homens de boa vontade que, como nós, ainda que por vias diferentes, busquem afanosamente a liberdade e a justiça social.

Com os protestos da nossa muita consideração, somos com os melhores votos democráticos,

De V. Exa.

Muito atentamente

Pelo Directório

P. S. — Para esclarecimento dos jovens socialistas de Espinho enviamos as bases programáticas e a Declaração de Princípios deste Partido.

GAZETILHA

Tempos vários...

— «Ó virgens que passais ao sol poente»
— Meu bom António Nobre — ultrapassado
Por outra poesia diferente
E outro modo de amar e ser amado!

Vieram as serenatas ao luar,
Românticos namoros na Avenida...
E na Assembleia, pares a dançar
Valsinhas a três tempos, por medida...

...E outros dias, agora, os que decorrem;
Tempo de «bikinis» e mini-saias;
Até velhas virtudes se socorrem
De novos truques, em vigor nas praias;
Há pernas nuas, que são monumentos;
Corpos morenos, ágeis, elegantes,
Que olhos arrastam em seus movimentos.
Tão sugestivamente coleantes...

— Mas não tomem a sério, os mais «antigos»,
Todo este panorama de erotismo;
Não são «pingo de mel» todos os «figos»...
Olhe tranquilamente, sem estrabismo;
E ao ver quanto na «praça» se estadeia,
Não se aremesse para a arena à bruta!
Nunca se meta nisso! É coisa feia
Um «diestro» de «faena» irresoluta!...

Alberto Barbosa (BEKA)



Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

T SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO espe-
E cial para Baptizados, Casamentos e
L Confraternizações.

9 Aos sábados à noite — Jantar Dançante

2 Aos domingos — Matinée

1 Com o conjunto — TONI SAMPAIO

3 Encerrado à terça-feira para descanso do
2 pessoal desde 1 de Outubro a 30 de Abril

GRANDE CASINO DE ESPINHO

Onde o Norte se diverte

• MÚSICA DE BAILE •

PELOS CONJUNTOS: — THE DROPS
(Quinteto italiano)
— JOSÉ QUELHAS
— PROMOTION MUSICAL 6

• VARIEDADES •

— BALLET BUENOS AIRES
— LES LOGAN — Malabaristas franceses
— BOB and MARION — Acrobatas ingleses
— MARIA DE LIZ — Cançonetista portuguesa

• RESTAURANTE •

Jantares concerto — Esmerado Serviço
SALÃO RESTAURANTE * SLOT-MACHINES

• CINE-TEATRO • Sessões todos os dias •

TARDE INFANTIL

No Salão de Festas — Sábado, 31 de Agosto, 17,30 horas

Entrevista com João Paes

Presidente da Juventude Musical Portuguesa

(Conclusão da pág. 2)

ensino oficial de música às camadas jovens. Conheço, muito concretamente, o caso da Hungria, onde, como sabes, o desenvolvimento da cultura musical dos jovens é máximo no mundo, supondo eu, principalmente a partir dos trabalhos Kodaly, e se tornou modelo de educação musical a partir das mais tenras idades. A J. M. Húngara, não sendo um órgão do Estado, é um órgão em que este apostou, ao ponto de se empenhar, com a mesma força e com o mesmo tipo de apoio financeiro que presta a outra qualquer função de ensino oficial. É um caso extremo, mas noutros países, por exemplo, na Inglaterra, o movimento das Musical Youths está extremamente desenvolvido, tem muitos apoios, estatais ou de fundações e processa-se de modo muito diferente da Hungria; não tanto um movimento de educação musical como um movimento de fomento de cultura musical e de apoio às camadas mais jovens dos estudantes de música. Em França, a J. M. está virada para o espectáculo, ao ponto dos sócios poderem assistir aos maiores concertos ou melhores récitas de ópera, pois uma parte da lotação é reservada aos sócios, em determinados espectáculos, aos quais tem acesso mediante o pagamento ao Teatro de parte do preço dos bilhetes. Enfim, o que queria dizer é que cada país tem o seu figurino e uma constante é o empenho do estado na actuação das Juventudes Musicais. Que eu saiba, até este momento, a J. M. P. era a excepção única, visto que não recebíamos, não direi o mínimo, não queria errar, mas julgo que recebíamos ao todo, 10 contos de subsídio do Instituto de Alta Cultura...

P. W. — Não dava para os programas...

J. P. — Que eu saiba, éramos a única J. M. que sobrevivia à sua custa, visto que, além deste «apoio», os outros subsídios, como da Fundação Gulbenkian, eram também (ainda que ligeiramente superior) dessa ordem de grandeza. Portanto, não serviam praticamente para nada, nem sequer para pagar aos funcionários. Neste momento, porém, temos fortes esperanças, e mais não posso dizer, mas suponho que muito justificadas, de que a posição do Governo, em relação à J. M. P. e aos organismos de promoção cultural, é diametralmente oposta, vai mudar radicalmente e, como te disse, estamos esperancados em que seja possível uma abertura de asas para outros horizontes...

P. W. — Outros horizontes?

J. P. — Ora, justamente, um outro horizonte que nós pretendemos, agora, visitar são as localidades longe das cidades. De resto, já se fazia um pouco, mas também dentro da medida do possível e quase por caturrice, em regime amadorista, porque nós temos um coro da J. M. P., que também, praticamente por conta própria e com o dinheiro que era facultado pela Direcção, que era pouquíssimo, decidiu, nos últimos anos, abandonar totalmente a política do habitual concerto da cidade e deslocar-se exclusivamente à província, em busca de públicos mais necessitados, em grande parte inteiramente desprovidos de cultura musical, para começar o trabalho que, neste momento, é profundamente desejado por todos. Portanto, aí está mais outra perda importante para este tipo de alargamento de actividades da J. M. P.

P. W. — Que possibilidades vêes de realização dos novos programas?

J. P. — Neste momento, estamos no seu princípio. A nossa proposta designa, concretamente, a cidade de Lisboa, como princípio de uma experiência, portanto consideramos que o ano que vem será um «ano-piloto», a partir do qual será criada uma informação, experiência, conhecimento, que depois nos levarão a alargar essa actividade a outros centros. Para já, é muito difícil dizer como e quando se vai fazer. Estamos no limiar da nova actividade, que temos que fabricar, para caldear. Daqui a 2 anos talvez possa responder com mais conhecimento de causa sobre o que se pode fazer noutros locais, nomeadamente em Espinho. A nossa ideia é que, da experiência-piloto de Lisboa nasçam, digamos, embriões da maneira de actuar, de novos talentos específicos na promoção de cultura, que permitam a multiplicação desses talentos, a criação de escolas de promotores de cultura musical. Como se vai fazer, em que ritmo, em que amplitude, não é possível, neste momento. A única coisa que posso dizer é que, mais do que a Direcção da J. M. P., os sócios e o meio musical lisboeta jovem, estão muito empenhados em que, desta experiência, resulte qualquer coisa de positivo. Já tivemos várias reuniões, não só ao nível da Direcção, mas também às quais concorreram várias pessoas do meio musical e que se ofereceram, para que, desta nossa experiência se possam colher frutos que possam beneficiar o País.

P. W. — Para acabar: Como é possível, em termos práticos, construir-se, numa determinada terra da província, uma delegação da J. M. P.?

J. P. — Bem, nós prevemos a constituição de delegações e agências. A delegação tem, praticamente, autonomia total; é o caso, por exemplo, da delegação do Porto, que apenas episodicamente (uma vez por ano) presta contas à Sede, e que tem a possibilidade, por si, organizar agências nas áreas contíguas. Portanto, seria o caso de Espinho. Se houvesse a ideia de fundar uma agência em Espinho, ela deveria estar ligada à agência do Porto.

P. W. — «E o que é preciso para tal?»

J. P. — Para se formar uma agência, é necessário que haja, pelo menos, a inscrição de 50 sócios. É a única condição que se exige. Evidentemente, que a agência assim formada, e portanto dependente da Delegação, terá que se consertar com esta, para que em conjunto, se defina um programa de actividades. Mas, é claro que a agência não é autónoma, pois depende, em grande parte, no aspecto da produção da realização de actividades da Delegação, visto ser esta que tem a possibilidade, o poder, a capacidade organizativa, que as agências, (normalmente núcleos pequenos) não têm possibilidades de angariar. Claro que, se me perguntas se em Espinho é possível formar uma Delegação da J. M. P., eu digo-te que tudo é uma questão de «potencial de organização»... é perfeitamente possível!

P. W. — Se a terra estiver interessada...

J. P. — Se estiver interessada, pode fazer-se uma Delegação em Espinho. É uma questão do núcleo inicial decidir.

P. W. — Fica a semente...

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11.877

ESPINHO

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações
Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Dr. Cerqueira Fernandes

Solicitador

Rua 26 n.º 335

ESPINHO

Telef. 06/72797

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.ª

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

FIM DE SEMANA • 66

No largo da Feira, em Paços de Brandão, naquele casarão da D. Ritinha Teixeira, a fazer esquina com a estrada da Porra, tinha ele o seu consultório, onde ia regularmente atender a clientela.

Modestissimamente montado aquele consultório em que a todos atendia com calor humano, dotado de uma facilidade e precisão de diagnóstico raros, utilizando uma farmacopeia pobre, livre de especialidades — que então já as havia — ao encontro da bolsa daquela clientela humilde de rolheiros e escolheiras que ganhavam 8 a 11\$00 diários — e deles, os maquinistas, davam vasto clientela à tuberculose, sem dispensário, nem sanatório, nem possibilidades para estâncias de cura e alimentação apropriada a quem tinha os pulmões a desfazer-se no espaço de 8 — 10 horas diárias a bracejar a máquina na poeira da cortiça que silcozava as vias respiratórias, sub-alimentados com salários de fome, carregados de filhos a quem sustentar. Broa e caldo sem muitas gorduras, uma sardinha ou um carapau, uma batata cozida — que carne era para os patrões.

Essa miséria fazia-o sofrer terrivelmente. Bem queria acudir a todos, mas não podia.

Foi também meu médico pelos anos de 1932-1936; tive trato estreito com ele, longas tardes calmas e quentes de verão conversamos, ouvi e apreendi as suas ideias políticas, sociológicas e económicas, que convincentemente ensinava ao estudante de Direito que eu era.

Podia ter sido um grande médico, bem pago, que tinha dotes para isso. Mas renunciou à vida fácil e viveu de acordo com o seu ideal comunista, desprezando a vida fácil burguesa, as convenções, devotado aos trabalhadores, independente, sem se amparar no bem estar financeiro de pai e irmãos com quem vivia na Nogueira da Regedoura.

A sua clínica era gratuita para pobres, estudantes e operários; para quem podia pagar ia a consulta de 2\$50 a 10\$00, conforme o dinheiro que tinha no bolso ou a necessidade que o pressionava para aquisição de remédios para os seus doentes pobres.

Dava-me o «Avante» e «O Arado», ambos clandestinos, claro, o segundo bem pouco conhecido destinado aos trabalhadores rurais.

A vida depois fixou-me no Porto e em Espinho e perdi um tanto o contacto com ele.

Soube-o na clandestinidade. Um dia... Mas eu conto.

Ao tempo os crimes políticos eram julgados por um Tribunal Militar Especial itinerante, com sede em Lisboa, donde se deslocava uma vez por ano ao Porto dar uma série de recitais de julgamentos políticos e outra vez ao Funchal.

No tempo a que me vou referir presidia-o o tenente-coronel (ou coronel!?) de

cavalaria, Mouzinho de Albuquerque.

Julgava-se no Porto um processo com cerca de 400 réus implicados na difusão clandestina do AVANTE. Como os réus eram muitos, em cada récita respondiam uns 30. Acusação: ler o Avante, passar o jornal, comprá-lo, vendê-lo. Aquilo já tinha tabela; se tivesse lido, não tivesse pago e tivesse deixado fora o jornal era absolvido; se tivesse pago o jornal e o houvesse destruído — 30 dias; se o tivesse pago e passado de graça — 60 dias; se o tivesse pago e revendido — 90 dias; e assim sucessivamente. O descaramento era tal que, por vezes, quando o advogado se levantava para usar a palavra, o Presidente, que não estava para perdas inúteis de tempo, atalhava logo:

— O Senhor Doutor já sabe a tabela; o seu constituinte leu, pagou e destruiu-o — 30 dias.

Mas nesta comédia de justiça a coisa era mais séria: da maioria daqueles pobres uns eram sapadores bombeiros, carteiros, funcionários dos Transportes Colectivos, um ou outro guarda republicano ou da P. S. P.; ora a condenação importava a demissão, a perda do ganha pão e de todos os direitos adquiridos.

Intervim um ano, não recordo qual, em várias sessões; numa delas...

...Um dia, numa sessão, ele respondia à revelia como principal autor do crime da direcção e difusão do «Avante»; 4 anos de prisão maior. (Então ainda não tinham sido inventadas as medidas de segurança do genial penalista Cavaleiro Ferreira).

la desprevenido e não sei que espanto e desespero senti.

Continuou na clandestinidade. Formara-se uma extraordinária cadeia de solidariedade em Nogueira, com vigilantes do povo nas estradas e caminhos de acesso; vezes sucessivas a então P. V. D. E. (assim se chamava ao tempo a polícia política) invadiu de dia ou de madrugada e devassou, esfarrapou a casa paterna; mas nunca o encontrou.

Essa cadeia de solidariedade do povo de Nogueira é uma gesta maravilhosa, que permitiu que ele continuasse na clandestinidade por sete anos, fazendo a sua clínica, sem mudar poiso de Nogueira; visitava de madrugada os doentes que o chamavam de longe — até aqui, de Espinho.

Quando um dia, ao regressar do Porto, soube que agentes da P. V. D. E., tinham conseguido chegar à sua presença e o tinham abatido.

Hoje, que o Partido Comunista homenageou nesta cidade em comício público, a sua memória, trago o meu contributo de homenagem ao Dr. Carlos Ferreira Soares — homem cuja vida foi exemplo de coerência e devoção a uma causa e à humanidade difíceis de igualar.

3-8-74

Vasco Luis

ECOS DO NOSSO TEMPO

Declarações do Major Melo Antunes, do Movimento das Forças Armadas, na T. V.:

«O Movimento das Forças Armadas implica um projecto que era grandioso — grandioso no sentido em que nós saímos de quase cinquenta anos de obscurantismo, de ausência completa de liberdades públicas — e saltámos de uma situação dessas para uma outra em que proclamamos a necessidade de uma instauração de liberdades democráticas e de saneamento da vida pública. Era mesmo um projecto grandioso.

«Claro que não se salta para uma coisa destas como quem dá um salto para o desconhecido. É evidente. Por isso mesmo era necessário um período de transição que ainda não se pode considerar o de uma democracia instaurada: é, digamos, uma situação para-democrática, uma situação de construção da democracia que comporta muitas hesitações, muitos avanços, muitas linhas zigzagueantes mas que nos importa conduzam a um saldo positivo.

«Sendo um facto que de um modo geral o Povo Português foi apanhado um pouco desprevenido, que as pessoas não tinham hábitos de vida democrática — aqueles próprios que têm agora a responsabilidade de pôr em prática o projecto que tinham em mente e está escrito no seu Programa, também não tinham esses hábitos, estamos todos a fazer a aprendizagem da democracia, ao fim e ao cabo — apesar disso tudo eu penso que o saldo é francamente positivo. Quer dizer que nós imaginámos que o País vá desembocar daqui a um ano num sistema de democracia pluralista em que realmente todos os portugueses terão oportunidade de se exprimir politicamente de uma forma válida, de uma forma pacífica e penso que essa será a melhor maneira de os portugueses conviverem em liberdade e tranquilidade para construir realmente um país novo. Penso que damos fortes passos nesse sentido e que continuamos fortemente nessa direcção.

Um padre não exemplar

Do «Correio do Minho» de 18-8-74.

FAFE, 16 — «Democracia é Amor, Respeito, Alegria» e «Não aos boateiros fascistas» — eis as legendas que, num muro fronteiro à sede do Movimento Democrático de Golães e propriedade de componentes deste, ficaram inscritas, na tarde de anteontem, pela prestimosa rapaziada democrática do local.

Admitindo a acção de galopins que nesta terra de padres hereges impunemente se salientam pelo ousio de provocações sucessivas, os prevenidos rapazes assentaram na necessidade de proteger a inscrição, por turnos de vigilância.

Efectivamente, com pasmo, surpreenderam o pároco Manuel Silva, pela calada da noite (eram quatro horas) a barrotar as legendas, munido dum pote de roxo-rei e de broxa em punho!

O audaz clérigo, cuja façanha envergonhou os cristãos de austera e timorata consciência, foi levado ao Posto da G. N. R., que tomou conta da triste ocorrência.

Custa-nos os olhos da cara fazer esta notícia. Edificante!

N. R. — Já no mês de Julho tinha acontecido ser roubado no mesmo local um painel que anunciava a realização de um comício do Movimento Democrático. Foi por essa razão que os democratas da localidade tiveram agora o cuidado de fazer uma vigília.

E assim ficou esclarecida uma dúvida.

As folhecas

Do «Diário de Lisboa»:

A extrema reacção tenta fazer fogo com as folhecas regionais, paroquiais, semanais, quinzenais, antigas uniões nacionais que tais de espanta-pardais. Folhecas (e não só) azuis, azuis e brancas, amarelas e de furta-cores.

Uma dessas folhecas indignando-se com a euforia popular neste Portugal libertado, escreve com todas as letras e com todo o descaramento dos saudosistas do fascismo: «A grande maioria dos portugueses amantes da verdadeira democracia ainda não tomou a palavra: quedou-se em massa silenciosa que espera a sua hora para, à sombra das liberdades que o 25 de Abril nos trouxe, poder pronunciar-se em «veredictum» da Nação — uma Nação tradicional, e consciencializadamente cristã que detesta o comunismo como intrinsecamente perverso, porque ateu e inimigo de Deus».

A sombra das liberdades do 25 de Abril, confessa-se nestas folhecas, os fascistas e fascistóides prepararam-se para destruir a liberdade que conquistamos no 25 de Abril. Mas se estivermos atentos e vigilantes, a hora dos Pinochezninhos não chegará. Pese embora às folhecas e quejandos.

Manuel de Azevedo

Declarações do Bispo do Porto ao «Jornal de Noticias», em 14-8-74

(...) Assim pois a Pastoral não ataca nem defende partidos, quaisquer estes sejam. Dizer que o Episcopado indica como único caminho de acção política a Democracia Cristã, depois daquilo que o mesmo Episcopado escreveu, é o mesmo que dizer que os Bispos não sabem o que dizem ou dizem o que não sabem.

Convirá talvez apenas frizar aqui quanto teria de tonto e suicida que os cristãos, vendo recusado pelos seus Bispos o partidarismo religioso, se arregimentassem à volta do anticomunismo como forma de suprir o partido católico e realizar a sua «unidade» (que, no fundo, seria a sua negatividade estéril, a sua alienação e a geral desunião católica).

Coordenação de TÓNO DA SÊCA

PORTA ABERTA

(Conclusão da 1.ª página)

e que como médico dedicou toda a sua vida ao serviço da Humanidade.

Agora não seria tempo de tirar do esquecimento, os grandes obreiros que começaram os alicerces para a construção desta linda cidade de Espinho; refiro-me por exemplo, ao doutor Salvador. Não conheço local nenhum com o seu nome. Sei que a sua fotografia se encontra no Salão Nobre dos Paços do Concelho, no entanto há quem nasce e morre sem nunca lá entrar, sendo portanto justo um busto na via pública, para que as crianças se pudessem informar de quem se tratava.

Sugestão: creio que o local indicado seria a rotunda em frente à Câmara; ouvi dizer que era para um fontanário, mas parecia-me mais lógico que fosse colocado na rotunda dentro do parque, pois como Espinho é muito susceptível aos ventos, beneficiariam da sua água as flores e as próprias árvores. Mas isto é apenas uma sugestão.

No entanto se houver uma comissão da Câmara ou Pública que queira meter mãos à obra, eu sou o primeiro a inscrever-me com mil escudos, prontificando-me a ir junto de vários amigos para aumentar a verba.

J. H. A.

Nota da redacção

Este nosso leitor labora no mesmo erro que temos ouvido a muita gente ao afirmar que a rua 19 tinha o nome de Bandeira Coelho antes da Comissão Administrativa que está actualmente à frente dos destinos camarários lhe ter atribuído o nome do Dr. Ferreira Soares. Há anos, quando eram presidente e vice-presidente da Câmara os falecidos Capitão Santos e Dr. Corte Real, o nome de Bandeira Coelho foi transferido para a rua 14 (o que pode verificar-se pela leitura da placa existente no gaveto desta com a rua 19) e à rua 19 foi dado o nome de Marechal Carmona.

**RESIDÊNCIA**
1.ª CLASSE
* * * * *

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO, PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE
TELEFONE 27393
MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

PRÉDIO — VENDE-SE

Na Rua 12 — N.º 881, com 9 divisões no 1.º andar, cave alta
— própria para habitação e quintal —
Falar na Rua 33, n.º 203

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações
BOM GOSTO E SIMPATIA
ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS
OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS
RUA 19 N.º 307 — ESPINHO

Centro de Enfermagem de Espinho

Todo o serviço de enfermagem, aluguer de oxigénio, camas articuladas e aspiradores, massagem e recuperação por pessoa especializada. * Ambulância c/ oxigénio para transporte de doentes.

Telefone 921587 (das 8 às 21 horas)
Telefone de urgência 922329 (das 21 às 8 h.)
Horário — Das 8 às 13 e das 14 às 21 horas
Semana Inglesa
Rua 16 n.º 868 ao lado dos Bomb. V. de Espinho

FABRICA DE TAPECARIAS SANTA CRUZ

— IRMÃOS PINTO LOUREIRO, LDA.
LOUREIRO — SILVALDE — ESPINHO
Telefone 920708 Residência 921409
— Alcatifas, Carpetes Manuais e Mecânicas —
— Colocação de Alcatifas — Bons Preços — Venda a Particulares —

Colégio de N.ª Sr.ª da Conceição

CURSOS: Liceal - Ciclo Preparatório - Primário - Infantil
Iniciação Musical - Artes Plásticas e Decorativas
Música com Exames no Conservatório - «Ballet»

Telefone 920303 — ESPINHO

Ministério da Economia
**SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA E ENERGIA**
Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

Eu, ARTUR MESQUITA, engenheiro-chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que EUROSPUMA — SO. CIEDADE INDUSTRIAL ESPUMAS SINTÉTICAS, LIMITADA, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 2724 litros, sita na freguesia de Guetim, concelho de Espinho, distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Delegação, situada na Rua do Dr. Alfredo de Magalhães, n.º 60.3.º Dto., no Porto.

Porto, 17 de Agosto de 1974.

O engenheiro-chefe da Delegação,
Artur Mesquita

DECLARAÇÃO



JOAQUIM JOSÉ DE PINHO OLIVEIRA, casado, natural de Espinho, residente na cidade de Paris, França, declara que não se responsabiliza por qualquer dívida contraída ou a contrair por sua mulher MARIA DE LURDES GOMES CORREIA NUNES, residente no lugar da Estrada, freguesia de Anta, concelho de Espinho, em virtude dela ter abandonado o lar conjugal.

Espinho, 21 de Agosto de 1974.

Joaquim José de Pinho Oliveira

ACORDO PORTUGAL MERCADO COMUM

ANÁLISE PROGRAMADA POR PRODUTOS

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
GABINETE DE ESTUDOS ECONÓMICOS E FINANCEIROS — PORTO

ESTE LIVRO CONTÉM RESPOSTAS

Respostas àquelas perguntas que todos os exportadores fazem quando pensam no Mercado Comum.

«ACORDO PORTUGAL MERCADO COMUM — Análise Programada por Produtos». Uma obra que o Banco Português do Atlântico elaborou, publicou e está a distribuir a todos os que têm interesses em relação à CEE.

Nas páginas do «ACORDO PORTUGAL MERCADO COMUM — Análise Programada por Produtos» estão explicadas as estruturas do articulado geral e de cada um dos Protocolos do Acordo. Aí estão os conceitos e os termos técnicos indispensáveis à sua compreensão. Os produtores portugueses são informados sobre a documentação ne-

cessária ao trânsito de mercadorias — os certificados de origem — e sobre os auxílios com que podem contar as actividades exportadoras nacionais.

Os interessados saberão facilmente qual o regime de direitos aduaneiros que se aplica ao seu produto, consultando um diagrama sequencial que os conduz ao resultado que procuram.

No final, com o apoio a tudo o que está explicado, são apresentados os textos dos Acordos com a CEE e com a CECA. Sirva-se deste instrumento que é mais um serviço do BPA.

O nosso trabalho é este mesmo: progredir apoiando.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

apoio firme
ao trabalho nacional



E OLÉ — NOTÍCIAS DAS TOURADAS

O espectáculo brilhou. A banda tocou

Mário Coelho, o notável matador. bandarilheiro, demonstrou ao público espinhense que não foi em vão que conquistou o troféu «Mayte», o máximo galardão que premela o mais categorizado bandarilheiro de todo o Mundo taurino. Notável a sua actuação no quarto e ditavo touros da ganaderia de Dona Maria Lico de Almeirim, quase todos suas e apropriados para alardes de grande espectáculo.

Mário Coelho, aproveitando as características dos seus inimigos, brilhou apoteoticamente na preparação, execução e colocação de enormes pares de bandarilhas, elevando ao rubro o entusiasmo do público que enchia quase completamente as bancadas.

Ao contágio da sua alegria e forma elegante e graciosa de brincar com os touros, parece ouvir-se as castanholas e guiseiras da Andaluzia.

Mário Coelho é de Vila Franca, mas a sua alma recebeu certamente o aroma delicioso do «Parque Maria Luisa» de Sevilha.

O público da «Solverde» tem por hábito exprimir o seu agrado com palmitas, acompanhando o compasso da música.

O trabalho de Mário Coelho requeria, sim, olés, muitos olés, única expressão que, desde sempre, anima os toureiros, por ser a única com verdadeiro significado taurino estritamente tauromáquico.

Vulgar com o capote, notamos um quite por afarolados com verdadeira expressão taurina.

Com a muleta teve passes de todas as marcas. Ficaram-nos na retina «derechazos» e passes em redondo, correndo a mão, uma enormidade, mandando e templando.

Lástima que embriagado pelo êxito, Mário Coelho confundia por vezes a sua profissão de matador de touros com a de jogador de boxe.

A aficção de Espinho repara nesses desvarios. Não diz nada mas toma nota.

Fernando Santos vinha no propósito evidente de conquistar o público nortenho. Conduziu-o plenamente na lixe do seu primeiro touro que recebeu com meia dúzia de «parones» tranquilos sem mexer um músculo, de inegável beleza. Quitou

por «verónicas», «chicuelinas» e «gao-neras» de excelente execução, a merecer olés do público.

Bandarilhado pelos peões, voltou de novo às mãos de Fernando que, no seu estilo dominador e arrojado, manteve o público em constante emoção.

Esteve francamente bem na lixe do seu touro, conquistando o público na presença de valentes desplantes.

Ovação e volta ao redondel no meio de grande entusiasmo.

No seu segundo, o sétimo da tarde, muito tardio na arrancada e colado às tábuas, o matador de Alcobaca conseguiu, depois de muito porfiar, alguns passes de mérito que a assistência premiou com ovação e volta.

Em face do seu êxito e com muito agrado do público, o Grupo Tauromáquico de Espinho, convidou-o a actuar no Festival Taurino do próximo dia 8 de Setembro, que se realiza na praça de touros Solverde, em benefício dos Bombeiros Voluntários e Assistência, último espectáculo da temporada.

José Mestre Baptista desenvolveu uma lixe dentro das regras do toureiro. Cravou ferragem comprida e curta, algumas de excelente execução.

Os Forcados Pereira da Silva e Moreira Gonçalves do Grupo de Amadores do Ribatejo deram voltas ao redondel acompanhados de Mestre Baptista.

A Luís Miguel da Veiga couberam o 2.º e 6.º, o pior lote da corrida, em especial o jabonero, um autêntico boi. Actuou em estilo de toureiro alegre e movimentado, citando em terrenos apertados, causa de grande entusiasmo na assistência. O seu segundo ferro curto merece uma referência especial. Pegas de Matos Silva e Pessoa Rinhardt sem grandes dificuldades.

Cavaleiro e forcados foram ovacionados, dando volta ao redondel.

Em boa hora notamos a presença de uma banda de música que tocou no momento próprio com um reportório curto mas francamente toureiro.

Olé pela reparação da banda.

Barata Ribeiro

PUBLICIDADE

Novos adubos do Amoniaco Português

O AMONIACO PORTUGUES, com instalações fabris em Estarreja, vem produzindo, desde 1952, no domínio dos fertilizantes, apenas um adubo — o Sulfato de Amónio.

A posição geográfica de Estarreja, aliada à necessidade de se obter um mais racional aproveitamento das infra-estruturas já existentes, aconselharam uma ampliação e diversificação das linhas de fabrico.

Assim, no que se refere aos fertilizantes, verificou-se ser conveniente, para a economia global do País, alargar a gama de produção de modo a permitir que os lavradores disponham, na época mais oportuna, de adubos com características adaptadas às condições agro-climáticas e culturais predominantes no Norte e Centro-Norte do Continente Português.

Foi então lançado o Empreendimento designado por Estarreja III que, ao entrar em laboração no próximo mês de Outubro, permitirá às instalações fabris produzir, além do Sulfato de Amónio, as diluições do nitrato de amónio com cálcio — designadas por Amonitral 20,5 e Amonitral 26 — e adubos compostos.

O Sulfato de Amónio, adubo já bem conhecido da Lavoura Portuguesa, apresentando 21 por cento de Azoto na sua totalidade na forma amoniacal, é especialmente recomendado para adubações de fundo uma vez que aquela forma de azoto, sendo retida no solo, não é arrastada pelas chuvas. Por outro lado, o facto de ser o adubo que contém mais teor de Enxofre — cerca de 24 por cento — faz com que aquele adubo seja o mais aconselhável para culturas exigentes em Enxofre, como é o caso das hortícolas e pastagens com leguminosas.

O Amonitral 20,5 e o Amonitral 26 têm, respectivamente, 20,5 e 26 por cento de Azoto o qual se apresenta metade na forma nítrica e metade na forma amoniacal.

Nas condições agro-climáticas predominantes no Norte e Centro-Norte do País, estes adubos são recomendados, sobretudo, para aplicação em cobertura.

Além do Azoto contém elevados teo-

res de Cálcio, elemento indispensável às plantas e que se encontra em deficiência na maior parte dos solos existentes nas regiões citadas.

Os adubos compostos serão produzidos pelos mais modernos processos tecnológicos o que lhes assegura as melhores características quanto à homogeneidade, facilidade de conservação e comodidade de aplicação.

Produzir-se-ão, essencialmente, as fórmulas binárias 20:20:0 e 10:20:20, contendo Azoto e Fósforo, e as fórmulas ternárias 15:15:15 e 10:20:20, contendo Azoto, Fósforo e Potássio.

Todas estas formas, embora altamente concentradas e permitindo, por tal facto, economia no transporte e aplicação, contém apreciáveis teores de Enxofre.

Apresentam a grande maioria do Azoto, mais de 75 por cento, na forma amoniacal, facto que se considera de grande interesse na medida em que, sendo os adubos compostos destinados a adubações de fundo, não se corre o risco de haver perdas daquele elemento nutritivo.

Contém o Fósforo e Potássio em formas químicas solúveis na água o que permite uma rápida e eficaz acção sobre as plantas.

Atendendo ao crescente interesse dos elementos secundários e mínimos numa agricultura progressiva, foi previsto o fabrico de adubos compostos que, além dos macronutrientes Azoto, Fósforo e Potássio, contenham convenientes teores de Magnésio, Boro, Zinco, Manganés e Cobalto.

Departamento A.g.ronómico do

AMONIACO PORTUGUES, S.A.R.L

Colabore para uma cidade limpa

Fabrica de Artigos de Celuloide e Plásticos

LUSO-CELULOIDE

de

HENRIQUES & IRMÃO, L.^{DA}

APARTADO 22

TELEFONE 922193

ESPINHO

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 12 de Agosto de 1974, lavrada de folhas 45 verso a 47 do livro de notas para escrituras diversas B-Número 38 deste cartório notarial de Espinho, os senhores António Fernando Gomes Salgado, casado, residente no lugar do Eirado, freguesia de Arcozelo, concelho de Vila Nova de Gaia, Francisco António Pereira e Sá, casado, residente nesta cidade de Espinho, na Rua Vinte e Três, 91, e Oscar Luís de Sá Rodrigues, casado, residente nesta cidade, na Rua Sete, 456, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «SA & SALGADO, LIMITADA», e tem a sua sede e estabelecimento na Rua Sessenta e Dois, número 87, rés-do-chão, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, e a sua duração é por tempo indeterminado.

Segundo — O seu objecto é o comércio e indústria de tecidos e confecções, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de Esc. 1 500 000\$00, e corresponde à soma das quotas dos sócios do seguinte modo: António Fernando Gomes Salgado, com uma quota de 500 000\$00; Francisco António Pereira e Sá, com uma quota de 500 000\$; e Oscar Luís de Sá Rodrigues, com uma quota de 500 000\$00.

Quarto — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

Quinto — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento dos sócios não cedentes.

Sexto — A representação da sociedade em juízo ou fora dele será feita pelos sócios que desde já são nomeados gerentes.

Parágrafo primeiro — Os actos e contratos que, pela sua natureza, envol-

vam responsabilidade para a sociedade, terão de ser firmados por dois gerentes.

Parágrafo segundo — A sociedade será estranha a quaisquer actos ou contratos firmados pelos gerentes em letras de favor, fianças, abonações ou outros semelhantes.

Parágrafo terceiro — Os gerentes poderão delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, em pessoas estranhas à sociedade.

Parágrafo quarto — Os gerentes são dispensados de prestação de caução e terão a remuneração que for fixada em assembleia geral.

Sétimo — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos, salvo os casos em que a lei exija outra forma de convocação.

Oitavo — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os sócios sobreviventes ou capazes e os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, 12 de Agosto de 1974.

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

Fotocópias

Rua 26 n.º 335

ESPINHO

A DEFESA precisa de mais assinantes

CEGA K.C.K.



Assente bem os pés nos números.

Deposite as suas economias na CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS. É terreno firme.

- 3%** ao ano, nos depósitos à ordem até 50 contos.
- 7%** ao ano, nos depósitos a prazo de 6 meses, renovável.
- 8%** ao ano, nos depósitos a prazo de 9 meses, renovável.
- 8,5%** ao ano, nos depósitos a prazo superior a 1 ano, renovável.
- 9,5%** ao ano, para depósitos especiais de poupança.

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos. Os depósitos beneficiam da garantia do Estado.

Estas são as vantagens. Mas ainda há outra: estamos ajudando Portugal a crescer!



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Licenciada Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 6 de Agosto de 1974, lavrada de folhas 43 verso a 45 do livro n.º 7, deste Cartório Notarial de Espinho, o senhor Fernando Francisco de Almeida cedeu a Maria do Céu da Silva Santos a sua quota de 25 000\$00 que possuía na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada sob a denominação «RECAUCHUTAGEM RADIAL ESPINHENSE, LIMITADA», com sede no lugar de Santa Cruz, freguesia de Silvalde, deste concelho, renunciando, às suas funções de gerente.

E que foi alterada a redacção dos artigos terceiro e sexto do pacto social da mesma sociedade que ficam como segue:

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 50 000\$00 e corresponde à soma das quotas dos sócios do seguinte modo: Serafim Pereira da Silva, com uma quota de 25 000\$00; e Maria do Céu da Silva Santos, com uma quota de 25 000\$00.

Sexto — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a ambos os sócios que desde já são nomeados gerentes.

Parágrafo primeiro — Para obrigar a sociedade basta sempre uma só assinatura.

Parágrafo segundo — A sociedade será estranha a quaisquer actos ou contratos firmados pelos gerentes em letras de favor, fianças, abonações ou outros semelhantes.

Parágrafo terceiro — Os gerentes poderão delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, em pessoas estranhas à sociedade.

Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, 7 de Agosto de 1974.

O Ajudante do Cartório José dos Santos SII

VENDEM-SE

PROPRIEDADES

Em Silvalde, próximo a Espinho. Tratar com D. Rosa — Rua da Firmeza n.º 152 — PORTO

A DEFESA precisa de mais assinantes

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

Armazém de Lanifícios

ALVIFEX

Ferreira & Oliveira Lda
ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 TELEFONE, 921569. (Provisório)

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

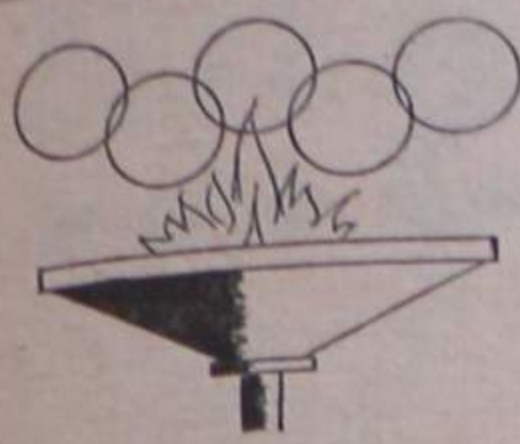
Telef. 920325-977

MOVEIS — ELECTRODOMESTICOS — RADIO e TV
— IMPORTADOR — REVENDEDOR —
BOSCH — KREFFT — SIMENS — LOEWE OPTA

Preços de Importação

Frigorífico 140 L	3.500\$00
Frigorífico 200 L	4.500\$00
Frigorífico 245 L	5.100\$00
Frigorífico 270 L	5.600\$00
Frigorífico 300 L	7.700\$00
Máquina de lavar roupa	7.850\$00
Torradeiras	225\$00
Ferros automáticos eléctricos	240\$00
Exaustores cozinha	440\$00
Secadores Metal	240\$00
Secadores Plástico	220\$00

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA



desporto



Golfe: um desporto para todos

Estamos no tempo em que se estão a acabar com os privilégios de classes. Também no desporto há que acabar com os «desportos aristocráticos». É neste sentido que chamamos a atenção para o texto que a seguir se transcreve do livro «Para uma nova dimensão do desporto», de Manuel Sérgio, autor que já há muito nos habituamos a ler em oportunas crónicas que subscreve na «República».

«O golfe tem as mais claras tradições aristocráticas: foi um jogo real na Escócia e Guilherme IV concedeu ao clube de golfe de Saint Andrews o privilégio de intitular-se «The Royal and Ancient Golf Club of St. Andrews». E a maioria dos seus campeões têm nascido no seio das classes abastadas (pelo menos, na Europa). No entanto, nos Estados Unidos, contam-se, nos dias que passam, 5 000 campos de golfe e 5 milhões de jogadores desta modalidade, mas não sei se em todo o Ocidente se passa o mesmo fenómeno de democratização. Creio bem que não. E isso me leva a chamar a atenção para um desporto que contém enormes virtualidades e está talhado para tornar-se num poderoso meio de recreação... para todos!

E porquê precisamente o golfe? Porque esta modalidade permite ao praticante um íntimo contacto com a natureza. A urbanização enfaixa-nos, acorrenta-nos a «poluições atmosféricas» de toda a ordem. Segundo os médicos, muitas são as doenças que afligem a humanidade, por quedar-se longe dos ares lavados dos montes e dos prados. Ao pôr-nos em contacto íntimo com a natureza; ao proporcionar-nos o «footing», isto é, um exercício físico prolongado mas pouco intenso (tão adequado a pessoas de todas as idades); ao apresentar «regras de jogo», extraordinariamente maleáveis, dando aso à liberdade e criatividade — estamos perante um desporto que deverá recomendar-se «a todos», muito principalmente às pessoas da «terceira idade».

E peço licença para interromper, uma vez mais, o curso natural da minha prosa: e porquê muito principalmente na «terceira idade»? É que todo o clima social que rodeia a pessoa idosa é de molde a convencê-la de que para nada mais serve do que esperar resignadamente o fim!

O golfe é um meio de o «velho» consciencializar-se de que ainda tem a força suficiente para ser um suporte ao irrequietismo dos mais jovens; que ainda tem o passo seguro para, pelo menos, os não perder de vista; que ainda possui algo de muito significativo em sociedades plurais e contrastadas, como são aquelas em que vivemos. Aproximando o homem da natureza; convidando-o a um movimento que se situa nos antipodas do «ágon»; não o emaranhando em regras complexas — nada falta ao golfe para ser um factor ideal de recreação, de «desporto para todos»!

Vamos jogar xadrez

4. Movimento e situações especiais

Só há um movimento em Xadrez em que se possam jogar, no mesmo lance, duas peças próprias, é o ROQUE. Rocar consiste em andar com o Rei duas casas para a direita ou para a esquerda, vindo a respectiva Torre colocar-se-lhe à direita (Roque Grande, para o lado da Dama) ou à esquerda (Roque Pequeno, para o lado do Rei). Para se poder rocar, é preciso: a) Não se ter movimentado anteriormente nem o Rei nem a Torre com que se quer rocar; b) Não existir peça alguma de permeio; c) Não estar o Rei debaixo da acção de uma peça adversária o que se diz «estar em xeque», nem passar por baixo da acção das mesmas.

O Rei nunca pode ser tomado. Quando se não pode mover, depois de ter levado xeque, e sob pena de continuar na mesma condição (por não poder nem fugir nem anular a acção do ataque) diz-se que o Rei está em «XEQUE-MATE». É o termo do jogo.

Um Rei está em Xeque quando a casa que ocupa é atacada por uma peça adversária.

É de uso corrente anunciar o ataque feito ao Rei inimigo dizendo: xeque.

5. Resultado final

O resultado final das partidas é serem ganhas, perdidas ou empatadas.

Ganha a partida quem dá Xeque-mate ao Rei inimigo, perdendo-a quem tem o Rei que o sofre.

Expressões do Xadrez

Vimos tudo o necessário para que o principiante possa começar a jogar. Resta-nos expor aquelas expressões características do xadrez, além das que encontramos até aqui.

COBRIR O XEQUE — Significa colocar uma figura entre o rei e a figura adversária que dá xeque. Como sabemos o xeque dado pelo cavalo não se pode cobrir.

FIGURA LIGADA — É aquela figura que cobre o xeque devido ao que o seu movimento é limitado ou impossibilitado.

XEQUE A DESCOBERTO — É o xeque dado pela figura que entrou em acção. Tendo por exemplo a seguinte posição: Brancas: Rh1, Td5, Bf3; negras: Ra8, Bd7, Bd6. Jogando as brancas 1. Td5: d7+, dão xeque a descoberto com o bispo de f3.

XEQUE DUPLO — É o xeque simultâneo dado por duas figuras. A que se desloca dando xeque descobre a outra que dá xeque a descoberto. No nosso exemplo anterior é o caso da jogada 1. Td5-a5+.

GANHO DE QUALIDADE — Significa dar um cavalo ou um bispo por uma torre do adversário. Inversamente, dar uma torre por um cavalo ou bispo do adversário significa perda de qualidade.

CASAS CENTRAIS — São d4, e4, d5 e e5, e são muito importantes no estudo da teoria das aberturas, já que se considera que tem vantagem aquele jogador que conseguiu dominar as casas centrais.

ALA DO REI — É aquele lado do tabuleiro onde se encontram as figuras mais próximas do rei, i.e., as figuras que se encontram nas linhas e, f, g, h.

ALA DA DAMA — É aquele lado do tabuleiro onde se encontram as figuras mais próximas da dama, i.e., as figuras que se encontram nas linhas a, b, c, e d.

LANCE FORÇADO — É aquela jogada que o jogador deve jogar (e é sempre desvantajosa) por não ter outra.

(CONTINUA)

VOLTA A PORTUGAL em miniatura

Disputou-se no passado sábado a anunciada Volta a Portugal em Miniatura na qual se inscreveram mais de duzentos participantes. O número espectacular de inscrições demonstra como os jovens aderem a esta iniciativa do Sporting de Espinho, que conta com o patrocínio do Turismo e das Malhas Artirene.

Durante a manhã disputaram-se os circuitos que interessaram a cerca de 230 rapazes e raparigas até 10 anos de idade. A tarde foram os jovens com 11 e 12 anos, numa série, e com 13 e 14 anos noutra, que disputaram animadas corridas.

Um apontamento com interesse é o de se frizar que todas as provas decorreram sem a mínima nota de descontentamento dos jovens participantes, em contraste com a atitude de alguns adultos que reclamando sem razão aparecem imbuídos de campeonites e desejos de brilhar a todos os títulos reprováveis.

Um outro apontamento ainda, para se referir que também este ano não surgiu qualquer delegado — inspector ou técnico — por parte da Direcção Geral dos Desportos, a tomar contacto com uma organização que há dez anos tem demonstrado ser do interesse dos jovens,

uma manifestação que, acredita-se, têm erros a corrigir, mas que pode motivar realizações regulares com interesse para a juventude, inseridas num programa desportivo de massas que é urgente oferecer ao País.

Os pequenos ciclistas tomaram a sério a competição e, sem que houvesse necessidade de lhes analisar o «chi-chi» no fim das provas, forneceram um belíssimo espectáculo a quem o apreciou nos arruamentos percorridos. Fica aqui para a história o nome dos vencedores: Pedro M. Mateus Vielra Castro (6 anos); Joaquim Jorge Moreira de Sousa (7 anos); José Manuel Oliveira Santiago (8 anos); Humberto Jorge Ferreira Coelho (9 anos); Joaquim P. da Rocha Pinto (10 anos); Manuel Resende da Silva (11 anos); António Joaquim Maia Duarte Aires (12 anos); Fernando dos Santos (13 anos); Abel António Pinto Rocha Oliveira (14 anos); e Abel António Pinto Rocha Oliveira (Prémio da Montanha). A primeira equipa foi a da Artirene. Um sortelo de 4 bicicletas veio a contemplar Paula Cristina Guimarães Costa, Teresa Nogueira Sousa, Jorge Carvalho Tavares e José Maria Pinto Lourenço.

XADREZ

A secção de xadrez da Associação Académica de Espinho, com o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo, levou a cabo durante a primeira quinzena de Agosto, um vasto programa de divulgação de xadrez. Esta iniciativa foi coroada de êxito, não só pelo número de participantes mas também pelo facto de várias provas terem decorrido ao ar livre, o que causou natural curiosidade pelo seu ineditismo.

A classificação nas diversas provas foi a seguinte:

Torneio infantil: 1.º Pedro Fernandes (5P); 2.º António Monteiro (4P); 3.º Fernando Couto (4P); 4.ºs José Carlos Couto e Jorge Félix (3P).

Torneio Juvenil: 1.º Sílvio Santos (4P); 2.º Fernando Fernandes (4P); 3.º Jorge Guimarães (4P); 4.º Mário Rui Vasconcelos (3,5P); 5.º Eduardo Jorge Guimarães (3P).

Torneio de Rápidas: 1.º Gil Coelho (2P); 2.º Sílvio Santos (10P); 3.º Vladimiro Miranda (9P).

Torneio Aberto: 1.º Vladimiro Miranda (45,17P); 2.º Gil Coelho (40,14P); 3.º Sílvio Santos (35,14P); 4.º António José Lacerda (35,13P).

Para além destes torneios realizou-se uma simultânea com a participação de Gil Coelho e vinte e cinco tabuleiros.

Todos estes concorrentes foram premiados numa cerimónia simples efectuada na sede da A. A. E.

VOLEIBOL

NOTÍCIAS DA A. A. E.

O jovem voleibolista Melo, que na época finda alinhou pelo Sporting local, regressou novamente à Académica de Espinho. Será o novo treinador-orientador da equipa feminina, tendo como adjunto Francisco Pinto, também atleta do S. C. Espinho.

Também João Félix, regressa novamente à Académica de Espinho. Voltará a treinar os juvenis, equipa que já treinou, e que na época finda alcançou o 2.º lugar no regional e o 3.º no Nacional. Saliente-se que a equipa para esta época é praticamente a mesma da época anterior, reforçada com alguns iniciados que subiram de categoria.

1.º TORNEIO DE VERÃO

Termina hoje o 1.º Torneio de Verão de Voleibol Juvenil. Iniciativa (mais uma), a todos os títulos louvável da Associação Académica de Espinho. Iniciativa essa que devia partir de uma Associação ou Federação de Voleibol, que deviam organizar destes torneios nas praias de maior movimento. No entanto já é bom que, em Espinho, alguém se lembre de os fazer, neste caso a Académica, que nos últimos tempos tem acarinhado de um modo especial o Voleibol, apesar das contrariedades que sempre surgem. Também é de lamentar que a Associação de Voleibol do Porto, tendo conhecimento da realização deste torneio, não tenha oferecido a sua colaboração, que certamente seria benvinda à organização. O torneio tem decorrido dentro da maior correcção e desportivismo, entre todos os participantes. É também de registar, o aparecimento de algumas equipas mistas e de outras constituídas por jovens que cá se encontram a passar férias (Viseu, Carvalhos, Matosinhos, etc.). A final está marcada para hoje de manhã, esperando-se que assistam a esta, alguns elementos da A. V. P. da F. P. V. e da Comissão de Árbitros. Da parte de tarde haverá distribuição de medalhas e um espectáculo no Salão Nobre do Grande Casino de Espinho, que se quis associar a esta jornada de propaganda do Voleibol.

TASC

HÓQUEI EM PATINS

Mais uma goleada da equipa espinhense, desta feita, contra o Educação Física do Norte por 9-2.

Com a vitória neste jogo, considerado o mais difícil até ao termo do Campeonato, a equipa da Académica de Espinho, está praticamente na 1.ª Divisão.

A. A. G.

Algumas datas importantes para a literatura portuguesa durante o governo fascista

O quadro de datas abaixo apresentado não se restringe, propositadamente, à literatura. É que esta, como qualquer outra forma de arte, não pode ser entendida senão a partir duma análise das condições políticas e sociais da época e sociedade em que surge. É evidente que os problemas concretos levantados pela evolução política, no seu significado mais amplo, influenciam directamente os criadores daquilo que se costuma designar por arte. Na medida em que são membros da sociedade não podem estar alheios às contradições que nela existem. E é aliás notório que os artistas são, quando de facto assumem completamente a sua condição, indivíduos extremamente comprometidos com a sua época, com o meio social em que vivem e em que desenvolvem a sua actividade artística, procurando nas suas obras não só retratar problemas como também despertar nos seus contemporâneos o desejo de os resolver.

Datas da Literatura Portuguesa	Acontecimentos Históricos em Portugal	Acontecimentos Históricos no Estrangeiro
	1933 — Aparição oficial da Censura — Supressão dos Sindicatos Livres	1933 Hitler alcança o poder na Alemanha
1934 — Aparece o jornal «O Daibo», onde colaboram grandes nomes da Literatura Portuguesa		
1939 Afonso Ribeiro publica «Sinfonia de Guerra», que marca talvez o início do neo-realismo		1939 Inicia-se a 2.ª Guerra Mundial com a invasão da Polónia pela Alemanha
1940 — Bento Caraça cria a Biblioteca Popular «Cosmos» — Alves Redol publica «Gaibéus»		
1945 Soeiro Pereira Gomes publica «Esteiros»	1945 — Manifestações populares de contentamento pela vitória dos países aliados (vitória recebida com desgosto pelo governo fascista) — Criação do Movimento de Unidade Democrática (MUD)	1945 Fim da 2.ª Guerra Mundial com a derrota do Nazi-Fascismo
1948 — Surge o surrealismo português, com M. Cesariny, António Pedro, A. Maria Lisboa, etc. — Maria Lamas publica «Mulheres do meu País»		1948 Início do período da chamada «Guerra Fria», desenvolvida pelos países capitalistas contra os socialistas
1949 — Morre Soeiro P. Gomes — J. Gomes Ferreira publica «Poesia»	1949 — Norton de Matos candidato pela oposição à Presidência da República — O governo fascista institui as famosas «medidas de segurança» para presos políticos — Proibição do MUD	1949 — Criação da República Popular da China (Comunista) — Criação da República Democrática Alemã e da República Federal Alemã
1951 Publicação de «Engrenagem» e de «Contos Vermelhos» de S. P. Gomes	1951 O Prof. Rui Luís Gomes concorre pela Oposição à Presidência	
1955 É criada a Sociedade Portuguesa de Escritores que duraria apenas 10 anos		

EUGÉNIO DE ANDRADE GRANDE POETA LÍRICO

A poesia de E. de Andrade é todo um ritual poético-filosófico, não abandonando, antes pelo contrário, acrescentando aos poemas uma estética admirável, que não é a dos sonhos mas do real. Aliás, E. de Andrade prova-o, através do que traz da infância, da pobreza compensada pelo amor de mãe, «o desprezo pelo luxo, que nas suas múltiplas formas é sempre uma degradação» (1).

Tudo constitui a poesia deste grande lírico. Tudo vai desde o amor exaltado e febril ao ódio inesgotável e revoltado. Senhor absoluto dos seus escritos (houve alguém que já o considerou egoísta) repudia as conferências, os colóquios, as reuniões, alegando-as aborrecidas. O poeta entrega-se ao estímulo da leitura e da audição de música clássica. Os seus poemas são bem o testemunho da sua vida passada e presente.

A sua longa e extraordinária carreira fizeram dele o maior poeta lírico português. Atrevo-mo a dizer, mesmo que isto não satisfaça muitos corações poéticos, que E. de Andrade só não alcançou Fernando Pessoa — ao qual dedica uma admiração exorbitante.

Juntamente com outros poetas, Andrade empenhou-se numa tarefa dura e, no entanto, bela: a reconstrução da poesia portuguesa. Dessa poesia que exprime a angústia do artista, como ser individual e como ser social. Dessa poesia que

revela o seu desespero. Ou também o da humanidade?

(1) Eugénio de Andrade, em «Antologia Breve». Edição da Inova. Preço: 20\$00.

Fernando Zenha

Os amantes sem Dinheiro

*Tinham o rosto aberto a quem passava,
Tinham lendas e mitos
E frio no coração.
Tinham jardins onde a lua passeava
De mãos dadas com a água
E um anjo de pedra por irmão.*

*Tinham como toda a gente
O milagre de cada dia
Escorrendo pelos telhados,
E olhos de ouro
Onde ardiam
Os sonhos mais tresmalhados.*

*Tinham fome e sede como os bichos
E silêncio
A roda dos seus passos.
Mas a cada gesto que faziam
Um pássaro nascia dos seus dedos
E deslumbrado penetrava nos espaços.*

Eugénio de Andrade

MÓVEIS COUTO

Rua 16 n.º 358 — Telef. p. f. 922364

RESTAUROS — ESTOFOS DECORAÇÕES — ESPINHO —

1958 — «Seara de Vento», de Manuel da Fonseca é publicado, sendo depois proibido	1958 H. Delgado concorre à Presidência da República	1958 Início do desanuiamento em política internacional com o aparecimento da política de coexistência pacífica, defendida pela URSS, através de N. Krutchev
— É publicado «Quando os Lobos Uivam» de Aquilino Ribeiro, proibido 3 meses depois		
— É publicado «A Barca dos Sete Lemes», de Alves Redol		
1962 — Publica-se «Barranco de Cegos», de A. Redol	1962 Grandes manifestações estudantis e greves	1962 Perigo de Guerra Mundial depois de tentativas americanas para derrubar o novo regime político de Cuba, apoiado pela URSS.
— 2.ª edição de «A Cidade das Flores», de Augusto Abelaira		
1965 — Encerramento da Sociedade Portuguesa de Escritores, por ter atribuído um prémio literário a Luandino Vieira, escritor angolano então preso no Tarrafal	1965 Desenvolvimento da luta nas três frentes da Guerra Colonial	1965 Escalada na Guerra do Vietname, com bombardeamentos sistemáticos do Vietname do Norte pelos americanos.
— Publica-se «A Imitação da Felicidade», de Urbano T. Rodrigues, imediatamente proibido	— Publicação, na clandestinidade, do programa do PCP, apresentando linhas de orientação para a situação política	— Martin L. King defende, nos Estados Unidos, a Lei dos Direitos Cívicos a favor dos negros.

SEMANÁRIO AVENÇADO

Bureau do Turismo
Rua 23
ESPINHO